

# **Esquecimento e reconstrução - Memória e experiência na arquitetura da cidade**

***Forgetting and reconstructing - Memory and experience in the architecture of the city***

**Ethel Pinheiro**

Professora Assistente

ethelp@terra.com.br

FAU/UFRJ

**Cristiane Duarte**

Professora Titular

crsduarte@gmail.com

FAU/UFRJ

---

## **Resumo**

O artigo apresenta algumas formas pelas quais a cidade atual se desenvolve frente aos conceitos de *memória e velocidade* e como as premissas de um "novo e transitório espaço" têm evoluído na medida de "novas e transitórias formas" de articulação do usuário com este espaço produzido, cada vez mais "espetacularizado". Busca também explorar recentes teorias voltadas para a cidade contemporânea e temas colocados em debate no cenário da arquitetura e da sociedade atuais. Para seu desenvolvimento, discutiremos alguns novos caracteres impressos na dimensão física do espaço urbano e suas implicações no uso e expressividades cotidianas. Não trataremos do espaço físico como totalidade de dispositivos materiais em que os planos arquitetônicos aparecem, mas do espaço "totalizado", fenomenológico, onde se manifestam as relações obtidas pelo jogo de significantes sensoriais relacionadas ao uso e à percepção dos fenômenos do ambiente. Desta forma, pretendemos abordar o caráter coletivo e dinâmico do espaço físico "emergente" através de suas novas interferências e da relação desenvolvida através da associação ou desvinculação da arquitetura e seus usuários. As conclusões nos permitem evidenciar a existência efetiva e necessária deste novo espaço dentro do conjunto de tipos espaciais que conformam a cidade e averbar de que forma a transitoriedade (dos espaços e dos corpos) tem contribuído para a modificação das identidades sociais no contexto

## **Abstract**

The article discusses the development of today's cities through the concepts of memory and velocity and through the analysis of how these 'new and transitory places' evolve into 'new and transitory ways' of articulation between users and spectacular built spaces. It also seeks to explore recent theories and themes thrown against contemporary cities in the debates placed over architecture and society. To do so, we will outline a theoretical study over new characters printed on the physical dimension of space and deal with their implications in daily life. It does not discuss the physical space as the total amount of material devices in which architectural plans appear, but as a "totalized", phenomenological space that may be filled with social and sensorial relations linked to the perception of environmental phenomena. In this way, the authors want to discuss the dynamic and collective nature of "emerging" physical spaces and buildings through new interferences developed by association or disassociation between architecture and users. The conclusions show the necessary existence of this kind of space for the management of today's cities and enable the process of summarizing in which ways *fickleness* (of spaces and people) has enhanced the modification of social identities in the contemporary context.

contemporâneo.

**Palavras-chave:** memória, identidade, contemporaneidade, velocidade. **Keywords:** memory, identity, contemporary, velocity.

## Questionando

Uma pergunta margeia a produção arquitetônica atual: como inserir edifícios – estruturas interligadas ao tecido da cidade – numa cidade montada (e remontada) através dos séculos por diversas colagens, linguagens, invenções? A resposta ainda paira sobre dois pólos, o da justaposição ou do contraste, no campo vasto da multiplicidade de linguagens conhecidas atualmente. É nestes dois grandes grupos da produção arquitetônica que diversas produções teóricas vêm tentando desempenhar seu papel de crítica a custo de muitas especulações e ensaios que convergem, vez ou outra, para a determinação de que *transitoriedade* é palavra de ordem na cidade contemporânea.

Guattari (1992) já dizia que as construções dos espaços urbanos atuais são máquinas enunciantes, ou seja, seu alcance vai além de suas estruturas visíveis e funcionais, pois interpela os sujeitos das mais variadas maneiras: histórica, funcional, afetiva, simbólica, estilística. Cada conjunto material (rua, prédio, cidade) é um foco de subjetivação. “Não seria demais enfatizar que a consistência de um edifício não é unicamente de ordem material, ela envolve dimensões maquínicas e universos incorporais” (Guattari, 1992, p. 161-162).

Mas o que marca a cidade contemporânea, se não a compreensão de que a contemporaneidade não tem um limite definido? Através-se, assim, um processo de subjetivação que aponta para a criação de um universo homogêneo em sua *diversidade*, trazendo a ilusão de que a cidade é única em sua estruturação, de que o mundo é uma extensa cidade.

Hans Ibelings (1998), em *Supermodernismo: arquitetura na era da globalização* compila vários edifícios que integraram páginas das revistas de arquitetura ao redor do mundo nestes 10 últimos anos. Segundo o autor, uma das características dessas obras espalhadas por cidades em distintas latitudes é a *neutralidade* de quem não quer competir com diferentes contextos onde se implanta cada uma das construções.

Traduzindo o resumo de atributos percebidos pelo autor segundo “a reflexão de superfícies polidas e brilhantes que definem o contorno das formas puras e prismáticas destes edifícios” (Ibelings, 1998, p. 35), podemos montar uma relação com o que Richard Scoffier (2006) também comenta sobre “Os quatro princípios fundamentais da arquitetura contemporânea” ao mencionar a transmutação dos edifícios atuais para simples *telas*:

*Sua função exacerba a função essencial das fachadas tradicionais que apenas envelopam e protegem o espaço interno, sem revelar aspectos construtivos ou exprimir características necessariamente funcionais – relações umbilicais [sic]. A tela renuncia a toda forma de transparência ocasional e se opacifica, recobrando o edifício de signos e siglas. Desta forma, a tela e a fachada se representam por duas funções distintas do olho humano: a segunda em ver e a primeira em ler (Scoffier, 2006, citação em palestra).*

Tal neutralidade denota, porém, não apenas a conveniência de uma arquitetura globalizada, mas também uma convicta renúncia a uma destacada presença urbana, que não se sabe distinguir ou definir com precisão. Sobre este "mundo globalizado", cabem algumas considerações.

O tema "cidade", nos últimos 50 anos, vem sendo amplamente discutido sob o foco das transformações sociais urbanas, das mudanças de eixos econômicos advindos do potencial industrial e mercantilista e das transições entre o espaço tradicional consolidado e os legados funcionalistas do Modernismo, de onde surgem conceitos periféricos e adjacentes como "Pós-modernismo" e "Transarquitetura" (Jameson, 1997). Grande parte dessas abordagens têm tido uma maior vultuosidade crítica nos espaços de uso público, entendidos como dimensão social constitutiva da vida em conjunto e suporte espacial necessário para a manutenção da coletividade, mesmo que ameaçados por diversos prognósticos de individualização do "Eu" a partir da introdução de uma recente e acelerada cultura digital (Batten, 1985).

Este mundo construído e globalizado, ou como sugerem recentes teóricos, a "Modernidade Líquida" (Bauman, 2005), não se compreende através de um modelo preestabelecido, mas deve ser visto como um processo em que novas expressões identitárias aparecem instantaneamente, com a velocidade informacional.

A "corrosão do caráter", um dos princípios de relativização da sociedade atual, indicada por Bauman (2005) como sinal da flexibilidade dos lugares e o crescimento da insegurança espacial, é apenas uma manifestação da profunda ansiedade com que projetos, decisões e mesmo cidades são construídos diante de uma fragilização da identidade. A exemplo disso, tomamos o crescimento superacelerado de Dubai e de outras cidades na parte centro-oriental do mundo, constatando uma relevante desvinculação histórico-cultural, que necessariamente exige uma "paciência histórica", como indicado por Pollak (1989).

Nosso trabalho sugere uma discussão acerca dos novos caracteres impressos na dimensão física do espaço urbano e sua conseqüente polarização e efeitos sobre o procedimento dos corpos que nele atuam e sobrevivem não como estruturas sociais, mas como elementos interligados quiasmaticamente e, por isso, inextricavelmente associados a estas mudanças. Para isto, teceremos preliminarmente considerações, baseadas em algumas novas formas de apropriações sociais, nos valores atribuídos a estes recentes projetos arquitetônicos e na circunferência demarcada pela expressividade da vida contemporânea.

Uma implicação imediata destas idéias de um novo espaço (complexo e transitório) é a inter-relação que se faz deste com o *tempo* (entidade inerte e operante) e com as diversas relações afetivas que se desdobram sobre ele. Já que o espaço é visto como um médium interagindo com diversos contextos sociais, o *tempo* histórico se torna particularmente importante, apesar de relativamente suprimido pela importância dada ao *espaço* numa nova sociedade formulada pelo descentramento do sujeito, como sugere Jameson (1997, p. 43):

*O esmaecimento dos afetos [...] pode também ser caracterizado, no contexto mais estreito da crítica, como o esmaecimento da grande temática do alto modernismo do tempo e da temporalidade, os mistérios elegíacos da 'durée' e da memória. Entretanto, foi-nos dito com frequência que agora habitamos a sincronia e não a diacronia, e penso que é impossível argumentar, ao menos empiricamente, que nossa vida cotidiana, nossas experiências, nossas linguagens culturais são hoje dominadas pelas categorias de espaço e não pelas de tempo, como o eram no período anterior do alto modernismo.*

Como desejamos tratar do ente "espaço" através de sua textualização com a cidade e com as necessidades do projeto arquitetônico, muito mais do que um mero dispositivo material, buscamos com este trabalho

levantar uma segunda questão que se refere às novas conexões geradas por esses espaços com o cotidiano das pessoas que o utilizam. Por configurarem-se como receptores das exigências de tempo e atividades de seus usuários, esses espaços absorvem um caráter mutante que acompanha a evolução das sociedades por meio das interferências arquitetônicas e relativizam o surgimento de novas identidades.

Diante deste cenário passaremos, a seguir, para a apreciação de uma estrutura conceitual, formuladora dos princípios de configuração da entendida sociedade e espaço contemporâneos, de forma a intensificar e esclarecer nossas considerações sobre *espaço complexo e transitoriedade* e amalgamar os processos contínuos de interação entre espaço x indivíduo.

## Percursos fundamentais

Se a globalização é a justificativa, a consequência pode tornar-se a desterritorialização. O *genius loci* (espírito do lugar) que inspirava a arquitetura greco-romana e que foi reivindicado por Norberg-Schulz (1976) há algumas décadas, perdeu, atualmente, todo sentido.

Para o referido autor, "o alvo essencial da construção (arquitetura) é o de transformar um sítio em lugar, ou ainda, descobrir o sentido potencial que está presente num meio, *a priori* [...] seu *genius loci*" (Norberg-Schulz, 1976, p. 18). De acordo com suas afirmações, a identificação com o lugar é um traço essencial para uma estrutura bem engendrada de percepção do espaço: "identificação e orientação são os primeiros aspectos do ser no mundo. *Identificação* é a base do sentimento de pertencimento a um lugar e *orientação* é a função que torna este *homo viator* parte do meio" (Norberg-Schulz, 1976). Mas para o homem contemporâneo, maquinado pelas primeiras descobertas modernistas, por sua gradual mudança na posição dentro do espaço "habitável" e pela impressão da *velocidade* no cotidiano (aumento da automação, da industrialização, da produção em série e da divulgação em massa de informações instantâneas), a *identificação* tornou-se um termo indiferente, cercado de diversas outras condicionantes tão ou mais importantes que o próprio sentido de pertencimento. Pertencer já não é mais uma obrigação latente para a absorção dos espaços. Como especulam Bauman (2005) e Aurigi (2000), basta que a linguagem possa ser adaptada a qualquer contexto para que ela tenha validade e seja, automaticamente, bem recebida.

Não se trata, como acreditamos, da recusa por construir lugares significativos, mas de ignorar o *caráter* do espaço preexistente, como podemos previamente concluir através das diversas descobertas neste campo teórico. Torna-se assim algo de árdua afirmação, mas é fato que alguns dos mais notáveis edifícios da atualidade têm como critério a negação do próprio lugar onde se assentam, refletindo uma verdadeira indisposição em dialogar com o ambiente local, como produto de um cenário e uma mentalidade que chegam a exigir tal procedimento.

Como exemplo disso, a torre sem fim, projeto de 1989, que Jean Nouvel pretendia construir em *La Défense*, local simbólico do capital francês, exemplifica tal premissa: um cilindro de base circular, um objeto sem contornos definidos que partia da terra num irreduzível e imponente "negro", depois ia acinzentando-se à medida que subia aos céus, até se tornar transparente, desaparecendo nas nuvens. O primor técnico e a sensível argumentação conceitual do projeto não são, porém, obstáculos que impeçam a percepção que se trata de uma atitude contrária à afirmação de uma identidade local.

Voltando à globalização, e se ela, com a grande *velocidade* de transmissão de dados e deslocamentos físicos (ainda) é inócua quanto à diversificação da cultura mundial, a consequência é a impossibilidade de se reduzir toda a produção arquitetônica contemporânea a alguns poucos conceitos.

A busca por novos instrumentos de análise do projeto arquitetônico em função da atual complexidade da cidade contemporânea é, portanto, tarefa que a crítica arquitetônica precisa melhor focar. Se a cidade não é mais um organismo coeso, como Rowe (1984) já citava em *Collage City*, e se a arquitetura já não obedece a uma doutrina unívoca, é certo que sem muito esforço encontramos semelhanças mais que aparentes entre alguns centros e periferias de cidades separadas entre si por qualquer oceano. Ou quando um modelo arquitetônico projetado para uma determinada realidade acaba muitas vezes se repetindo num contexto distinto, seja pela demanda dos empreendedores, seja pela conveniência de um cenário “deturpado” da arquitetura.

### ***Lugar ausente***

Uma das grandes invenções da arquitetura moderna, o espaço isotrópico que se desenvolve infinitamente segundo uma geometria modular (alcançando uma ampla translucidez e transparência) acabou contribuindo para a renúncia de diversos significados.

E do mesmo jeito que existe uma arquitetura que não se apresenta à cidade, nesta também existem espaços ausentes, totalmente desprovidos de caráter urbano. Interstícios urbanos, *terrain vague*<sup>1</sup>, espaço residual não faltam categorias classificatórias para tais ambientes cada vez mais “presentes” na cidade contemporânea.

Mas a ausência não é apenas uma premissa da produção comercial, pois como citou Ibelings (1998) a neutralidade e a reflexão da *caixa arquitetônica* são aspectos recorrentes na alta arquitetura. É o que faz Dominique Perrault na Biblioteca Nacional da França, deixando à cidade planos intersticiais, tal qual muros de proteção ou isolamento, e oferecendo aos privilegiados usuários um claustro atemporal, antítese de uma urbanidade que não se permite entrar. Alguns dirão que uma biblioteca deve ter tal qualidade, contudo, acreditamos ser contraditório negá-la justamente à cidade, local em que produz o conhecimento que se quer preservar e divulgar.

---

<sup>1</sup> A expressão “*terrain vague*” foi tomada do catálogo da exposição *Presente e futuro, Arquitetura nas cidades*, por ocasião da XIX Congresso da União Internacional de Arquitetos, ocorrido em Barcelona em 1996; “espaço residual” foi utilizado por Rem Koolhaas (2000) para desqualificar quase tudo que sobra nas cidades fora as grandes obras arquitetônicas. Notar ainda que, no Brasil, o conceito de vazio urbano não se aplica, pois este seria uma descontinuidade no tecido urbano ocorrido em função da heterogênea ocupação de novas áreas durante a expansão das cidades.



Figura 1. Biblioteca Nacional da França em Paris, de Dominique Perrault. Foto adquirida em abril/2007 em [http://www.photoarchitecture.com/images/archi\\_exte/Bibliotheque-N.jpg](http://www.photoarchitecture.com/images/archi_exte/Bibliotheque-N.jpg).

A questão da “caixa”, tão emblemática em meados do século XX (personificando a modernidade que hoje parece superada), persiste. Revive como uma fênix quando todos a imaginavam morta. Provavelmente porque sua forma simples remete a discussões centrais para arquitetura - discussões sem fim. Rigorosamente abstrata, não se confunde com a natureza, mostra-se artificial, uma criação do homem orgulhosa de sua distinção. Uma arquitetura que quer ser clássica, cujas proporções são determinadas por fórmulas precisas como a seção áurea presente tanto nos templos gregos quanto nas obras de Le Corbusier. O fato é que a caixa, tão simples, mas plena de significados, surpreende com sua perenidade.

Outro caso ilustre é o de Herzog e De Meuron, arquitetos suíços que vêm colecionando todo tipo de variações da “caixa” (membros de um dos escritórios finalistas no concurso para a Escola Politécnica de Lausanne - EPFL). Esse namoro começou com um *container* projetado para abrigar um posto de sinalização na Basileia (1992/1995). O prédio de 5 andares que reúne escritórios e equipamentos nada diz de seu interior, é uma caixa enigmática recoberta por uma pele isotrópica em lâminas de cobre de 20 cm de altura que anulam até mesmo a divisão em pavimentos e não se expõem. A caixa de cobre justifica-se racionalmente já que atua como uma jaula Faraday protegendo o equipamento eletrônico em seu interior, mas evidencia ao mesmo tempo o apego ao prisma e a disposição a manipular sua característica mais definidora, a pele. As obras desta dupla de profissionais trabalham com a percepção do contexto, que lhes serve de suporte, como ambiente refratário e insípido.

Fica evidente – neste modo de tratar a relação do edifício com a cidade – o caráter abstrato de diversas obras que, valorizando o espaço em detrimento do contexto, acabam no gosto da crítica atual em função de uma sensibilidade pouco acessível ao gosto popular.

De fato, os esquemas de análise da forma arquitetônica no âmbito da realidade urbana já não são suficientes para destrinchar a complexidade da cidade contemporânea. Metrôpoles estratificadas com vários

centros desagregados que se interconectam sem nenhuma ordem preestabelecida, as cidades do terceiro milênio – em especial as da América Latina – demandam conexões de outro padrão com a arquitetura. Certamente, diversos caminhos se impregnam da mencionada relação entre “justaposição e contraste”; seja o do diálogo franco e interativo – a presença –, seja a introspecção que assume a impossibilidade de se comunicar unanimemente – a ausência – ou ainda que seja o da ambigüidade, que permite ambas as impressões a partir da diversidade cultural, a inflexão reivindicada é, nada mais nada menos, que a consciência a ser assumida pela arquitetura.

Cabe dizer que é inevitável aceitarmos que a fragmentação e pluralidade são fenômenos atuais e, como acreditam os teóricos acima citados, irreversíveis. A proliferação de espaços inertes e amorfos, ou senão híbridos e desqualificados, vai contra a cidade fragmentada, porém de imagem coesa, conseguida através da mídia informacional e da divulgação de uma imagem consolidada e globalizadora (Rowe, 1984).

## Desmemoriados

Tomamos como base das discussões a afirmação de que a *memória* é um elemento constituinte do sentimento de *identidade*, tanto individual quanto coletiva (Pollak, 1992, p. 204), e como tal deve ser dialetizada frente às novas exigências arquitetônicas no cenário contemporâneo.

*Em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiqüidade do presente, “patrimônio histórico” tornou-se uma das palavras-chave da tribo midiática. Ela remete a uma instituição e a uma mentalidade (Choay, 2001, p. 11).*

A noção de monumento histórico e as práticas de conservação que lhe são associadas extravasaram os limites da Europa, onde tiveram origem e onde por muito tempo haviam ficado circunscritas, como esclarece Choay (2001). Da primeira Conferência Internacional para a Conservação dos Monumentos Históricos em Atenas (1931), só participaram países europeus. Quinze anos mais tarde, 80 países dos cinco continentes haviam assinado a Convenção do Patrimônio Mundial.

*Patrimônio e monumento* são palavras de ordem. Estão à disposição da sociedade contemporânea como produto para consumo desenfreado, o que leva outros teóricos especializados neste assunto a se depararem com o termo “museificação”. O embate entre memória e esquecimento se faz, na arquitetura, diante do que conservar, do que retirar, ou de como unir estes dois segmentos.

O sentido original de monumento é do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (advertir, lembrar), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva.

O termo léxico para “monumento” vai variando com sua importância nas sociedades ocidentais, passando de valor arqueológico (1689) para valores estéticos e de prestígio (1790, com Quatremère de Quincy). Atualmente, o sentido de “monumento” evoluiu para o avanço das técnicas e da destreza construtiva, sinais incorporados à comentada “arquitetura líquida”. Embora Alberti, o primeiro teórico da beleza arquitetônica,

tenha conservado piedosamente a noção original de monumento, ele abriu caminho para a substituição progressiva do ideal de *memória* pelo ideal de *beleza* – fato relacionado à progressiva extinção do valor memorial no monumento, que estaria mais associado à “obra de arte” na contemporaneidade.

Para a produção contemporânea da arquitetura, que lida com a articulação de novos elementos a estratos bastante consolidados da cidade, a idéia original de monumento ter se substituído valor *estético* (em termos mais completos) traz também a permissividade para implosões inescrupulosas, associações descontextualistas e desarticulações na produção teórica que tanto auxiliam a fundamentação de novos diálogos na cidade quanto produzem novas interferências:

*A sedução de uma cidade como Paris deriva da diversidade estilística de suas arquiteturas e de seus espaços. Arquiteturas e espaços não devem ser fixados por uma idéia de conservação intransigente, mas sim manter sua dinâmica: este é o caso da pirâmide do Louvre (Choay, 2001, p. 16).*

O trecho citado por Choay (2001) torna explícito, através da advertência, que é possível dialogar na cidade, mesmo com linguagens que parecem mais dissonantes. Sua articulação de idéias retrata o papel da memória como *manutenção*, mais do que simples preservação.

O sociólogo Halbwachs (2001), um dos primeiros teóricos sobre memória social, citado diversas vezes por Pollak (1989, 1992), ressalta a estreita relação da memória com o espaço, na medida em que os elementos constitutivos da memória são acontecimentos vividos pessoalmente e vividos “por tabela”, ou seja, pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Esta relação traz, conseqüentemente, outros dois elementos envolvidos na memória e presentes nos acontecimentos: as pessoas (personagens) e as atividades, pois não existe memória que não se apóie num quadro espacial. A apreensão da memória nos conduz, desta forma, à construção do sentido urbano; faz emergir os significados e valores dos lugares, atribuídos por indivíduos que neles estão, fomenta as ligações simbólicas entre o ambiente de uma pessoa e suas crenças essenciais e, principalmente, nos faz olhar para as imagens e prioridades dos usuários conjuntamente com o ambiente físico.

A memória também depende do *momento* em que está sendo articulada e pelas preocupações inerentes ao processo em que está sendo expressa. Portanto, não é uma fonte pronta e definitiva e, sim, esculpida durante o processo de recordar. Pollak afirma que “a memória é um fenômeno construído. Os modos de construção podem tanto ser conscientes ou inconscientes” (1992, p. 204).

No entanto, ao focar a idéia de espaço contemporâneo e de habitante deste espaço, as relações de memória citadas nas linhas acima passam a não ter necessidade de incorporação. Um cidadão consegue interagir, sem grandes problemas, com diversos símbolos e estruturas apresentadas como ‘enigmas’ na cidade através de recursos digitais e informacionais que cada vez mais individualizam as atividades. “Engessar” a memória não é um problema seriíssimo, pois à nossa disposição estão milhares de bancos de dados a serem consultados ininterruptamente.

Para Choay (2001), é a imprensa quem opera a “marcha fúnebre” da memória, uma vez o registro gráfico/digital ocupar, com facilidade, este lugar. Para Barthes (1984, p. 22), a duplicidade da fotografia tem o poder de jogar com os dois planos da memória: abandonar e ressuscitar um passado. Por isso, funciona como nova *phármakon*. E com esta linguagem a produção contemporânea dialoga muito bem.

Heidegger (1988, p. 25) afirma que um homem sozinho não tem memória nem necessita dela.

*Só nos recordamos de algo, portanto, ao proceder a escolhas, ao decantar a vida turva, ao recortar atos da corrente da vida para neles colocar razões. Os fatos prendem-se na memória graças a eixos intelectuais. [...] Não nos recordamos por simples repetição, na verdade, compomos nosso passado. [...] Para haver recordação tem que haver uma intenção presente.*

Mas sobre o novo padrão de usuário, que precisa se articular com as noções do mundo globalizado, digitalizado, midiático e acelerado, trazer seu corpo às solicitações da dita "arquitetura líquida" (inerte, globalizadora e comum) é uma resposta eficiente a sua imposta solidão, corroborando com a sentença de Heidegger (1998).

## **A questão da identidade**

Observa-se o crescimento exponencial das estruturas de informação no espaço digital, definido como um espaço global de representação criado através de um *worldwide networking* (Aurigi, 2000). Os tipos de informação, assim como as formas de sua transmissão, também estão se diversificando. Informações inicialmente transmitidas através de textos hoje já são veiculadas através de vídeo e áudio e transmissão de imagens. A previsão ambiciosa de diversos teóricos é que, em poucos anos, quase tudo o que é produzido em palavra, imagem, som, vídeo e mundos tridimensionais estará disponível nas *redes digitais*.

O preço pago por arquitetos e usuários por tomar parte nessas transformações seria o de também perder sua capacidade de se identificar através de lugares conhecidos. A estética moderna, consolidada a partir da segunda metade do século XIX, liga-se, de certa forma, à concepção de um *unique self* e de uma identidade privada da qual seria razoável esperar a geração de uma visão própria de mundo. Esse conceito, que inclui o aspecto totalitário que domina a razão moderna, vem sendo substituído por concepções pluralistas, entendendo-se a pluralidade como diversidade de formas racionais capazes de preservar esse leque de conceitos e, ao mesmo tempo, de evitar que alguns deles se tornem dominantes, como por exemplo as noções de *identidade* e *apropriação*.

*A apropriação do espaço é o enraizamento (ancrage) que o indivíduo realiza dentro de um universo que a psicologia, dentro de sua racionalidade metalingüística, imagina à parte como uniforme e ilimitado. O mundo não é assim uniforme e ilimitado, apenas à visão do ser errante, que preenche uma categoria minoritária nos conflitos de apropriação (Moles e Rohmer, 1978, p. 70).*

Este grupo minoritário tornou-se, hoje, uma maioria "abastada". O errante, por definição, não se apropria do espaço, apenas se utiliza dele (de suas virtudes), não constrói lugar de *ancrage* nem de influência. E visto que o errante não se apropria do espaço, o espaço não se apropria do indivíduo. É deste homem errante que o cenário contemporâneo faz uso para sobreviver e é ele quem alimenta grande parte das produções arquitetônicas comentadas neste trabalho, tidas como contemporâneas. Podemos dizer, desta forma, que o

homem errante (ou nômade) é o padrão "sedentário" da atualidade e tem, aí, a justificativa para a multiplicidade de identidades possíveis num breve espaço de tempo (e espaço).

Bauman coloca que a globalização, ou melhor, a "modernidade líquida, não é um quebra-cabeça que se possa resolver com base num modelo preestabelecido. Pelo contrário, deve ser vista como um processo" (2005, p. 11). E neste processo estariam entretidas as conseqüentes reações de falta de segurança, a "corrosão do caráter" que a flexibilidade no local de trabalho, de moradia e de lazer têm provocado na sociedade e as dificuldades de pertencimento a um espaço definido. Não que isto seja dissociado do homem atual, ou que não se incorpore aos seus desejos, mas a voz "que clama da sociedade" pede a ele que se abnegue disso, que pelo bem da manutenção de novas estruturas sociais este homem seja feito um cidadão sem rumo, cada vez em mais lugares, cada vez mais ubíquo.

*"Pertencimento" e "identidade" não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [e se determinam] pelas decisões que o indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e as coisas que absorve [...] Em outras palavras, a idéia de "estabelecer" uma identidade não vai ocorrer às pessoas enquanto o "pertencimento" continuar sendo uma condição sem alternativas (Bauman, 2005, p. 18).*

Simmel (*in* Bauman, 2005), nos seus ensaios sobre as formas de vida nas metrópoles e o conflito da sociedade moderna, menciona a identidade como uma instituição da vida social. Nesse caso, o elemento *identidade* está muitas vezes desintegrado pela moderna sociedade de massa. Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer "natural", predeterminada e inegociável, "a 'identificação' (mesmo que forçada) se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam um 'nós' a que possam pedir acesso" (Bauman, 2005, p. 30).

Os "vagabundos" urbanos de Simmel, os flâneurs de Baudelaire/Foucault e os praticantes da desatenção civil de Erving Goffman não perambulavam pelas ruas da cidade em busca de uma comunidade com a qual pudessem se identificar. Estas corporificações estavam "aguardando" por eles, sedentários e de certa forma prontos para servirem e serem usados nos abrigos seguros de diversas edificações.

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, agimos diferentemente, como defendem tais teóricos. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em *movimento*. Não são necessários os gestuais da vida civil cotidiana, apenas celulares e *palm tops*, instrumentos capacitadores de diversas atividades que outrora exigiam bastante interligação dos acontecimentos. A proximidade física, a "identificação" imediata ou a adoção de símbolos antigos não se choca mais com a *necessidade*. "Estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, não é mais, portanto, uma questão de escolha: agora se tornou um *must*. Manter-se em *velocidade* transforma-se numa tarefa exaustiva" (Bauman, 2005, p. 38).

Em 1994, como citado por Bauman (2005, p. 35), um cartaz em Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas fixas – não mais continentes da realidade do mundo – e a flexibilidade das estruturas globalizantes: "Seu Cristo é judeu; seu carro é japonês; sua pizza é italiana; sua democracia, grega; seu café, brasileiro; seu feriado, turco; seus algarismos, arábicos; suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro". Este tipo de

aviso sinalizava o colapso da hierarquia (genuína ou postulada) das identidades, dentro do entendimento de um mundo globalizado.

*Globalização significa que não há mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com as estruturas fixas. Flertes extraconjugais e até casos de adultério são, ao mesmo tempo, inevitáveis e toleráveis, tantas vezes desejáveis e muitas vezes avidamente obtidos, seguindo as condições preliminares para a admissão num 'mundo livre' (Bauman, 2005, p. 34).*

A exemplo disso tomamos a proliferação "em massa" dos volumes produzidos para os Museus Guggenheim por Frank O. Gehry, em distintos locais e cenários.



Figura 2. Guggenheim em Los Angeles, de Frank Gehry. Foto de George Ribeiro, adquirida em maio/2002 em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp248.asp>.

A questão latente, neste panorama traçado, é: ainda é preciso "identificar-se com"? Bauman chama de *comunidades/identidades guarda-roupa* aquelas invocadas a existirem apenas na aparência, por questões de necessidades globalizantes ou mundializantes. Elas se produzem enquanto dura o espetáculo e são desfeitas quando não há mais necessidade de estampa da "coisa genuína".

Sobre isto, e sobre a permanência dos edifícios, ou mesmo a integração de suas expressões ao contexto urbano e social, um paliativo muito usado tem se firmado na efemeridade das identidades que o aceitam. Agregar o valor de edifícios sem um apelo (pelo menos imediato) à questão significativa, simbólica ou memorial da sociedade não é mais uma tarefa de esforço, mas uma exigência da própria mutabilidade com que indivíduos e espaços precisam mudar.

*Há também um outro fenômeno a se observar: a expectativa de vida cada vez menor da maioria das identidades simuladas, conjugada à crescente velocidade da renovação de seus estoques [...] em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo, é um negócio arriscado. As*

*identidades atuais são para usar e exibir, não para armazenar e manter* (Bauman, 2005, p. 88, 96).

As três questões da filosofia “o que podemos saber?”, “o que devemos fazer?” e “o que nos atrai” ainda não se encontravam distintas antes da ascensão do capitalismo, ou mesmo antes da dita *Queda*, mas, certamente, podemos dizer antes da “sensibilidade social”, como cita Eagleton (1993). Numa progressão acelerada dos avanços industriais, tecnológicos, cibernéticos e *hipertextuais*, a humanidade vê-se, agora, dialogando com as três áreas da vida histórica – *conhecimento, política e desejo* – como compartimentos isolados e autônomos. Não é possível derivar um valor de um fato, mas sim acoplá-lo. Neste novo modelo, o valor da estética se sobrepõe às identidades.

O termo *estética* nasce com a palavra grega *aisthesis*, que representa toda a região da percepção e sensação humanas, em contraste com o domínio mais rarefeito do pensamento conceitual. A distinção que o termo “estética” perfaz, inicialmente, em meados do séc. XVIII, não é aquela entre “arte” e “vida”, mas entre o material e o imaterial: entre coisas e pensamentos, entre sensações e idéias.

O modelo da estética, associado ao modelo da autonomia ética, incorpora-se às exigências impostas à sobrevivência das sociedades atuais, e o moral e o estético, antes em crise, podem superar o valor mesmo da *identidade*, trazendo à tona a valorização da “beleza” em contraste com as necessidades individuais (e, por conseguinte, coletivas).

De forma resumida, podemos assinalar que *memória, identidade e velocidade* são três elementos de composição dialética e transitória no cenário contemporâneo.

A primeira entidade, segundo nossas considerações, se apresenta de forma efemerizada e substituída por valores de individualização do ser que podem, facilmente, abster-se dos registros e lembranças em detrimento de um panorama maior e mais exigente de vida social – contemplado pela inserção volumosa de informações; a segunda (*identidade*) torna-se um elemento múltiplo e oscilante que necessita exatamente dessas características para manter-se atualizada com as transformações mundiais; e sobre *velocidade*, cada vez mais impressa no *modus vivendi*, nas relações profissionais e na linguagem da produção arquitetônica contemporânea, tomamos a consequência inevitável da massificação das duas entidades anteriores e a ratificação do discurso que propõe, cada vez mais, espaços globalizados, de compreensão imediata e de leitura assimilada.

## **A experiência na cidade atual**

Ao olhar as grandes cidades, chamam a nossa atenção o tráfego, as edificações, o movimento das pessoas, as diferentes combinações de informações e signos que permitem ao pensamento sociológico, político, econômico e cultural uma série de associações. Em nível mais profundo, temos de reconhecer que tais associações condensam um rigoroso espaço simbólico, repleto de *incertezas*.

Falamos em habitar cidades, em percebê-las e vivê-las não apenas porque vemos, ouvimos e sentimos, atribuindo significados a seus espaços, mas porque ela própria se converte em categoria do pensamento e da experiência. Mas para se compreender, ou aprender com a experiência, é necessário uma modificação de postura, uma nova conduta de sociabilidade na cidade contemporânea, que prega a transitoriedade dos sentidos, das realidades e dos elementos compositivos do urbano.

Na adoção de uma *incerteza* premente, a cidade contemporânea se fixa sem grandes receios diante da necessidade de consumo rápido e de supervalorização do instante. Para fugir da "nostalgia", que retiraria o mundo da noção do "agora" (um *agora* bastante diferente da inovação abordada no Modernismo, como mencionado anteriormente), os habitantes do "novo espaço" acham na infixidez de sua situação um atrativo para prevalecer sobre a aflição da incerteza. Buscam, a todo instante, novas e ainda não apreciadas experiências; são seduzidos pelas propostas de aventura e flexibilidade e preferem a abertura de opções à estanqueidade das respostas. Nessa mudança de disposição, são ajudados e favorecidos por um "mercado" organizado em torno da procura do consumidor, permanentemente insatisfeito, prevenindo, assim, o engessamento dos hábitos adquiridos, a possibilidade de novas assimilações e exercitando o apetite por leituras diversas, dentro do cenário apresentado na cidade.

A consequência desta transformação foi bem captada por George Balandier (*in* Bauman, 1998, p. 23):

*Aujourd'hui, tout se brouille, lês frontières se déplacent, les catégories deviennent confuses. Les différences perdent leur encadrement ; elles se démultiplient, elles se trouvent presque à l'état libre, disponibles pour la composition de nouvelles configurations, mouvantes, combinable et manipulables<sup>2</sup>.*

De acordo com Bauman (2005), se os habitantes do período moderno concordam que a estranheza com o mundo é anormal e lamentável, e em que a ordem do futuro (superior, porque homogênea) não teria espaço para o estranho, o mundo contemporâneo está marcado por uma concordância, quase universal, de que a diferença não é meramente inevitável, porém boa, preciosa e precisando de cultivo. "Diferentes culturas fazem seus integrantes com diferentes valores, formas e cores, e isso é bom" (Bauman, 2005, p. 44).

Qualquer valor só é um valor – como Georg Simmel (*in* Bauman, 2005) observou – graças à perda de outros valores, que se tem de sofrer a fim de obter um bem maior. Entretanto, como assinala Bauman (1998, p. 10), "*você precisa sempre mais do que mais falta*". Esta cultura de consumo ressalta o que há tempos se defende como a *espetacularização* da vida cotidiana, impressa pela valorização da imagem. De forma bastante apropriada, a cultura do simulacro entrou em circulação em uma sociedade em que o valor de troca se generalizou a tal ponto de desvalorizar a lembrança do valor de uso em detrimento do valor da imagem.

A consequência disto tudo é que por mais excitante que seja essa incorporação, do ponto de vista do espaço – nessa paisagem urbana produzida –, torna-se cada vez mais difícil exigir um produto arquitetônico de

---

<sup>2</sup> "Hoje tudo se dissolve, as fronteiras se quebram, as categorias se tornam confusas. As diferenças perdem seu enquadramento; se multiplicam, buscam o estado livre disponível pela composição de novas configurações, móveis, combináveis e manipuláveis" (Balandier *in* Bauman, 1998, p. 23, tradução nossa).

valor associativo à comunidade, às experiências e ao valor do *tempo* (como memória). Podemos utilizar a metáfora da fotografia: o que queremos consumir está na planície da *visão*, na *superfície* das formas. Não consumimos os edifícios, que atualmente mal digerimos por conta da velocidade nas vias expressas; consumimos imagens, que se deslocam imaterialmente com as necessidades de consumo.

Pode-se dizer, então, que a arquitetura atual, no fim das contas, é propriedade dos críticos e torna-se textual em vários sentidos.

Não obstante, os planos para o futuro de muitas cidades, em geral, representam não um programa de ação ou aquilo que a cidade gostaria de se tornar amanhã, mas um poderoso discurso para nos brindar com um futuro perfeito. Nesse sentido, o pensamento urbanístico e as análises sociológicas tendem a operar diretamente com uma visão ingênua do tempo. O recurso ao passado da cidade oferece elementos para a definição de problemas a serem solucionados, como uma espécie de catálogo, cujos elementos podem indicar uma rota de salvação. Isso posto, parece claro não existir concordância quanto ao passado da memória, ao presente descrito e narrado e ao futuro da imaginação e de qualquer cidade no mundo.

## Considerações finais

Nossas discussões neste trabalho margeiam, exatamente, pelas considerações sobre que tipo de cultura e sociedade podemos destrinchar hoje em dia. Num mundo em constante inteiração de dados informacionais e de necessidade por respostas imediatas, concluímos que as identidades produzidas – e o vínculo exercido pelo tempo e espaço com os acontecimentos usuais – ficam reféns de necessidades outras, que tornam o objetivo final (parecer ser) muito mais importante do que o processo (por que ser).

Ainda sobre a questão da significação, Hall (1990, p. 17) comenta que “[...] a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos”. Um dos argumentos dos arquitetos que assumem uma postura desvinculativa, em todo o mundo, isto é, a introspecção perante o espaço urbano, é a desqualificação e a desordem principalmente das periferias e dos centros das cidades atuais. Contrapondo-se à anterior hegemonia de uma ação arquitetônica catalisadora, cremos que esta arquitetura “ausente” aceita sem esforço as limitações do seu poder de influência sobre o meio social e urbano.

Se a cidade é cada vez mais complexa e heterogênea, os arquitetos acabam admitindo sua impotência em lidar com todos os níveis da vida social urbana. Recuando aos limites de satisfação dos privilegiados usuários diretos dos edifícios, esta arquitetura apresenta-se ao exterior como um objeto de contemplação e se fecha para um mundo interno totalmente protegido e condicionado. Torna-se um “museu”.

De forma paradoxal, é justamente a museificação das cidades que tem tornado monumentos cada vez mais cristalizados, inclusive a própria idéia de monumento na contemporaneidade. Com a instituição de elementos e centros específicos para o contemplar e o “admirar”, os edifícios e estruturas urbanas, fadados a esta função eterna, perdem o direito “civil” de articularem-se com os diversos significados produzidos pelas mudanças inevitáveis em qualquer cenário ambiental. Jeudy (2005) comenta, com precisão em *Espelho das Cidades*, que, com as “cirurgias plásticas” malsucedidas, algumas regiões ficam legadas à observação inóspita de seus valores, desarraigados de sua precisão original. Estes “enormes museus”

abertos, muitas vezes, repelem sua função uma vez desempenhada para se tornarem “espelhos sobre o qual se miram seus espectadores. A exibição patrimonial imobiliza a própria nostalgia e anula a aventura da transmissão” (Jeudy, 2005, p. 16). É fato que a capacidade de absorver o novo traz a permissão de uma “aventura da imaginação”. “Ao nos ensinar a viver a simultaneidade temporal e espacial, a cidade oferece provavelmente a mais bela experiência da soberania estética, uma vez que ela jamais obtém sua identidade aparente dos efeitos do totalitarismo da representação. A proliferação de imagens permanece inesgotável por nunca se sujeitar a uma ordem semântica que lhe seria imposta previamente” (Jeudy, 2005, p. 84).



Figura 3. Conjunto residencial NEXUS, Fukuoka, Japão. Rem Koolhaas, fonte: Prêmio Pritzker. Foto adquirida em abril/2003 em <http://pi-in-jp.blogspot.com/2008/03/nexus-world-housing.html>.

Na dissonante variedade tipológica fruto da intensa produtividade atual, uma das leituras que se pode estabelecer na relação da arquitetura com a cidade contemporânea é, portanto, a vontade biunívoca de se fazer presente ou ausente ao entorno. Refere-se especificamente a uma polaridade que estabelece um conceito de análise segundo contraposições, tal como as relações *cheio/vazio*, *opacidade/transparência*, *simetria/assimetria*, *figura/fundo*, *plano/massa*, *razão/emoção*, *abstração/empatia*, que não se preocupa tanto com a forma urbana, mas sim com a dinâmica do meio social que se desenvolve no espaço urbano, e na qual a arquitetura tem papel substancial.

Desta discussão, surge a expressão cunhada como “antiespaço”, que está relacionada ao fato de o espaço (moderno) não se conceber como *forma*, e sim como “vazio”, um “fundo” componente que não margeia uma estrutura cognoscível, identitária e legível.

Scoffier (2006), por sua vez, intitula de *mi-lieux* (traduzindo ao pé da letra, o *meio*), para fugir das discussões outrora colocadas por Augé (1994) como “Não-lugar”. Crê-se, nessas novas teorias, que a cidade contemporânea é toda feita de Não-lugares e, por conta de sua reprodutividade, passa a ser um meio habitável, um exponencial do Lugar. A cidade toda se converteu num celeiro que agrega e expulsa qualquer tipo de identidade e de representação.

Nas marcas impressas por esta nova leitura espacial, podemos ressaltar algumas características da arquitetura, entre elas o fato de que não mais se busca a transparência nas superfícies de vidro (legado modernista), mas, antes, a reflexão. Não importa o continente e sim a capa, fato demarcado pela facilidade com que diversas atividades e funções podem ser facilmente incorporadas ou substituídas a um edifício de "marca contemporânea". Por isso, a "tela" (Scoffier, 2006), aquilo que se expõe do edifício, substitui o jogo tradicional de fachadas e signos.

Desta forma, não mais interagindo entre exterior-interior na arquitetura, auxiliando na multiplicação de novos e diversos significados e co-produzindo uma imagem facilmente reproduzível – principalmente no que tange às imagens de consumo do novo "cidadão contemporâneo", as teorias emergentes e seus produtos colocam um novo princípio diante das formulações do espaço e dos corpos sustentados por este: o princípio da *reclusão*. É a partir desta reclusão que milhares de *identidades* podem surgir (e morrer) sem que sejam importunadas pela demanda pública ou pelas sanções outrora impostas ao modo de viver, habitar, trabalhar, assim como as diversidades impostas pelo tempo e pela presença da *memória*, valores agregados e representativos de uma necessária e cada vez maior transitoriedade.

## Referências

---

- AUGÉ, M. 1994. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo, Ed. Papirus, 111 p.
- AURIGI, A. 2000. Digital City or Urban Simulator? In: T. ISHIDA; K. ISBTER, *Digital Cities: Technologies, Experiences and Future Perspectives*, Berlin, Springer-Verlag, p. 33-44.
- BARTHES, R. 1984. *A Câmara Clara: Nota sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 185 p.
- BATTEN, D. 1995. Networked Cities: Creative Urban Agglomerations for the 21<sup>st</sup> Century. *Urban Studies*, 2(32):313-327.
- BAUMAN, Z. 1998. *O Mal-estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 272 p.
- BAUMAN, Z. 2005. *Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 169 p.
- CHOAY, F. 2001. Monumento e Monumento Histórico. In: F. CHOAY, *Alegoria ao Patrimônio*,. São Paulo, UNESP, p. 11-29.
- EAGLETON, T. 1993. Da Polis ao Pós-Modernismo. In: T. EAGLETON, *A Ideologia da Estética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p. 264-300.
- GUATTARI, F. 1992. *Caosmose: Um Novo Paradigma Estético*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 203 p.
- HALBWACHS, M. 2001. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 197 p.
- HALL, S. 1990. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London, Sage Publications, 134 p.
- HEIDEGGER, M. 1988. *Ser e Tempo*. Petrópolis, Vozes, 132 p.
- IBELINGS, H. 1998. *Supermodernismo: Arquitectura en la era de la globalización*. Barcelona, Gustavo Gili, 144 p.
- JAMESON, F. 1997. *Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. 2<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Ed. Ática, 413 p.
- JEUDY, H.P. 2005. *Espelho das Cidades*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 154 p.
- KOOLHAS, R. 2000. El Espacio Basura. *Arquitectura Viva*, 74:23-31.
- MOLES, A. e ROHMER, E. 1978. *Psychologie de l'Espace*. Paris, Ed. Casterman, 162 p.
- NORBERG-SCHULZ, C. 1976. Lieu? In: C. NORBERG-SCHULZ, *Genius Loci: Vers une Phénoménologie de l'Architecture*. Paris, Oslo, p. 6-49.

POLLAK, M. 1989. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, **2**(3):13-23.

POLLAK, M. 1992. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, **3**:24-30.

ROWE, C. 1984. *Collage City*. Massachusetts, The MIT Press, 192 p.

SCOFFIER, R. 2006. *Les Quatre Concepts Fondamentaux De L'architecture Contemporaine*. Palestra proferida na disciplina "História das Teorias em Arquitetura" em 16/03/2006. Duração: 4 horas.